



As Variações Linguísticas Vivenciadas no Cotidiano Escolar das Turmas do 2º Ano do Ensino Médio da Escola de Referência Odorico Melo

Diogo Elizeu do Nascimento Pereira¹; Valquíria Maria Ribeiro Alves²

Resumo: As variações linguísticas representam as diferentes formas de falar o idioma de uma nação, tendo em vista que a língua padrão de um país não é homogênea, constituindo uma característica inerente a todas as línguas naturais em reflexo das diferenças socioculturais e contextuais durante a produção de fala por parte de um indivíduo. O contraste vivenciado por tais diferenças traz consigo problemas estruturais como o preconceito linguístico que afeta diretamente o cotidiano das pessoas. Diante disto, a presente pesquisa teve como objetivo analisar o preconceito linguístico no ambiente escolar perante as variações linguísticas vivenciadas no cotidiano escolar das turmas do 2º ano do Ensino Médio. Este estudo configurou-se como uma pesquisa descritiva de caráter quanti-qualitativo, realizada com as turmas do 2º ano do ensino médio da Escola de Referência Odorico Melo da cidade de Parnamirim - PE, tendo o questionário como instrumento de coleta de dados, analisados pelo o método indutivo. Nessa perspectiva os resultados apontaram as variações linguísticas como um processo natural da língua e que os alunos podem compreendê-las firmando sua importância para o desenvolvimento de suas competências comunicativas em sala de aula, tanto na língua escrita quanto na língua oral, em detrimento do preconceito linguístico declarado visível e inerente no dia a dia em seu ambiente escolar, assim como o ensino mecânico da língua portuguesa em caráter retrógrado. Apesar do reconhecimento da variação linguística, os alunos consideram o seu nível de fala assertivo, mas admitem conviver em um espaço diversificado, marcado pelo o contexto das variações setoriais e socioeconômicas, que estão intimamente ligadas às atitudes preconceituosas que podem impactar no seu desenvolvimento escolar desencadeando uma série de problemas.

Palavras-Chave: Variações linguísticas, Preconceito Linguístico.

¹ Graduando em Pedagogia - Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). diogopereira246@gmail.com;

² Especialista pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). valquíriaalves169@hotmail.com

Language Variations In The Daily School Classes of the 2nd Year of High School at the Odorico Melo Reference School

Abstract: Linguistic variations represent the different ways of speaking the language of a nation, considering that the standard language of a country is not homogeneous, constituting an inherent characteristic of all natural languages, reflecting the sociocultural and contextual differences during speech production by an individual. The contrast experienced by such differences brings with it structural problems such as linguistic prejudice that directly affects people's shares. In view of this, this research aimed to analyze linguistic prejudice in the school environment in the light of linguistic variations experienced in the daily school life of 2nd year high school classes. This study was configured as a descriptive quantitative and qualitative research, carried out with the 2nd year of high school classes at the Odorico Melo Reference School in the city of Parnamirim - PE, using the questionnaire as a data collection instrument, analyzed by the the inductive method. From this perspective, the results showed linguistic variations as a natural language process and that students can understand them, confirming their importance for the development of their communicative skills in the classroom, both in written and oral language, to the detriment of prejudice linguistic declared visible and inherent in the day-to-day in its school environment, as well as the mechanical teaching of the Portuguese language in a retrograde character. Despite the recognition of linguistic variation, students consider their level of speech assertive, but admit to living in a diverse space, marked by the context of sectorial and socioeconomic variations, which are closely linked to prejudiced attitudes that can impact their school development, triggering a series of problems.

Keywords: Linguistic variations, Linguistic Prejudice.

Introdução

A língua é considerada um organismo vivo que varia conforme o contexto em que se estabelece e que vai muito além de um emaranhado de normas e regras que ditam a formas predeterminadas de estabelecer as diversas relações entre os atos de falar e escrever. A linguagem determina a capacidade em que os seres humanos possuem para produzir, desenvolver e compreender a língua, além de outras manifestações, como a pintura, e a dança, consistindo num conjunto organizado de elementos que possibilitam a comunicação. Dessa maneira, podemos inferir a linguagem como a capacidade que as pessoas têm de se comunicar, ou seja, de transmitir informações, pensamentos, desejos, emoções, de forma verbal ou não verbal, por meio de qualquer meio sistemático que promova esse diálogo expositivo, seja através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais ou outros.

As variações linguísticas são representadas por mudanças comuns da língua pelos seus falantes no momento da comunicação segundo suas necessidades e contextos corretados ao

ambiente em que se encontram. Este fenômeno ocorre devido a fatores como a região geográfica do falante, o sexo, a idade, classe social e o grau de formalidade presente ao nível requerido sistêmico da fala em caráter expressivo. Por conseguinte, as variações linguísticas são variantes da língua, reinventadas a cada dia, trazendo novas formas de conhecimento em virtude das expressões da fala tomadas de forma diversa, representadas de maneira variada seja nos dialetos, no regionalismo, nas gírias e nos socialetos.

No âmbito escolar, o ensino tradicional da língua português pautado na gramática normativa, foi por longos períodos compreendidos como a única e exclusiva forma metodológica de promover o ensino capaz de tornar os alunos competentes quanto à língua em suas manifestações orais e escritas. De certo, promovendo uma visão limitante uma vez que impõe ao aluno um padrão normativo complexo de categorização e sem brechas para aceitação das variações da fala como forma assertivas de comunicação. Nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico, sendo assim, essa variação ocorre em todos os ambientes, mas na escola é que ele fica mais evidente, pois a escola prioriza o ensino tradicional da Língua Portuguesa, aquele voltado para a nomenclatura gramatical onde tudo que foge ao padrão da norma culta é considerado “erro”.

Por muito tempo o ensino de língua portuguesa privilegiou apenas a forma escrita, deixando despercebidas as variações linguísticas existentes em nossa língua resultando na valorização da variante padrão e gerando o preconceito linguístico que é fruto do preconceito social. Partindo desse pressuposto que trata das variações como parte inerente da língua (oral) e do preconceito linguístico quase sempre causado pelas diferenças socioeconômicas que menosprezam as variedades estigmatizadas, este constructo teve como objetivo analisar o preconceito linguístico no ambiente escolar perante as variações linguísticas vivenciadas no cotidiano das turmas do 2º ano do ensino médio da Escola de Referência Odorico Melo da cidade de Parnamirim - PE, de modo a identificar a percepção destes alunos quanto às variações linguísticas e seus impactos vivenciados no dia a dia escolar.

Nesse sentido, a realização do estudo justificou-se pela importância de repensar o âmbito escolar em relação às variações linguísticas e suas implicações, oportunizando aos alunos a apropriação de conhecimento sobre a prática e aspectos das linguagens importantes para sua autonomia e desenvolvimento como aluno, compreendendo a temática que gira em torno do preconceito ligado ao tema. Além disso, representa um trabalho inovador e significativo uma vez que permitiu compreender a percepção do aluno como agente de

disseminação e manutenção da cultura de uma comunidade suas múltiplas manifestações despertando neles a atenção para o uso dessas variedades de acordo com os contextos e a necessidade comunicativa.

Fundamentação Teórica

A sociolinguística estuda as diferentes formas em que a língua é expressa dentro dos contextos sociais, tendo em vista a sistematicidade da linguagem que é representada através da variação. As variantes são entendidas como os diferentes modos de dizer a mesma coisa, cabendo a esta área da ciência analisar a variação linguística como um fundamento completamente passível de estudo, uma que o uso da língua sofre influência de fatores sociais estruturais. Dessa forma, para MOLLICA (2013, p. 10):

A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido de que os usos de estruturas linguísticas são motivados a as alternâncias configuram-se, por isso, sistemáticas e estatisticamente previsíveis.

Para Mollica (2013), todas as línguas possuem uma atividade central que define a sua forma e variação, no que tange ao nível da fala, da construção das palavras, na função e ligação dos termos da oração, do subsistema fonético-fonológico e no domínio do discurso. Cientificamente as manifestações da língua são autênticas, de forma que a inclusão do falante em uma escala social está sujeita a avaliações positivas e gerativas, mesmo que os julgamentos de valor da língua não sejam aplicados.

Entre sociedade e língua, de fato, não há uma relação de mera causalidade. Desde que nascemos, um mundo de signos linguísticos nos cerca, e suas inúmeras possibilidades comunicativas começam a tornar-se reais a partir do momento em que, pela imitação e associação, começamos a formular nossas mensagens. E toda nossa vida em sociedade supõe um problema de intercâmbio e comunicação que se realiza fundamentalmente pela língua, o meio mais comum que dispomos para tal. (PRETI, 2003, p. 11).

Desde o nascimento somos cercados por uma variedade de significados e e significantes, corroborando para que o desenvolvimento das nossas palavras seja primado por uma pluralidade de ações através da reprodução e combinação. Para Petri (2003) a língua é o

sustento de um desenvolvimento social, que envolve as relações do cotidiano e das atividades intelectuais dos membros de uma sociedade, exprime a relação entre ser humano e corpo social, como demonstração da vida em grupos sociais.

As variantes linguísticas existem em todas as comunidades de fala, o que nos permite dizer haverão, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de significado e importância, cujo as diferenças na linguagem falada serão expressas conforme as próprias variantes do indivíduo que fala, sem julgo da qualidade ou veracidade do que está sendo falado (TARALLO, 2007).

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa, está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. (BRASIL, 1998, P. 29).

As variações linguísticas, portanto, representam uma característica inerente a todas as línguas naturais por meio dos reflexos das diferenças socioculturais e contextuais durante a produção de fala por parte de um indivíduo, que vem carregada de influências da comunidade linguística em que ele está inserido e de suas intenções pessoais. Este fenômeno ocorre pela diversificação de uma língua em relação às possibilidades de mudanças de seus elementos, sejam eles vocabulário, na pronúncia, na morfologia ou na sintaxe. Essas variações podem ser do tipo geográfica ou diatópica (relacionada com o local em que é desenvolvida, chamadas de regionalismo), histórica ou diacrônica (ocorrem com o desenvolvimento da história), social ou diastrática (é percebida segundo os grupos ou classes sociais envolvidas), situacional ou diafásica (ocorre de acordo com o contexto, por exemplo, situações formais e informais) (TRAVAGLIA, 1996).

Não podemos afirmar que a gramática normativa dá conta de todo o estudo da língua, pois a língua é social e não podemos focalizar apenas a questão das normas advindas da gramática normativa. Segundo Bagno (2015, p. 9) “A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta”.

O preconceito é disseminado na sociedade de diversas maneiras e precisa ser erado de maneira precisa com inteligência, sabedoria e praticidade, mediante a complexidade das relações sociais. Como modelos estigmatizados constata-se a existência de preconceito sobre

o negro, a sexualidade, a religião, havendo também o preconceito linguístico, no qual, as pessoas são julgadas pela sua própria maneira de falar. Hodiernamente muito se debate sobre a forma correta de se falar português, mas para o autor Marcos Bagno (2015) não existe “certo ou errado”.

No âmbito escolar não seria diferente, pois reflete o contato direto entre indivíduos distintos em suas características que convivem sobre a normativa de um ambiente predeterminado, representando um reflexo da sociedade quanto às variantes da língua, havendo a necessidade da desconstrução dos preceitos linguísticos. Por ser um objeto totalmente mutável e passível de obter as demais características sociais, como a desigualdade, a aprendizagem da língua pode ser dificultada, com podemos verificar:

[...] são essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro que são a maioria de nossa população e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola. (BAGNO, 2015, p. 16)

Ao contrário do que muitos acreditam Bagno (2015) traz em suas ideias grandes observações importantes para a descontração do preconceito. Pode-se mencionar os oito mitos, do seu livro “preconceito linguístico”. Onde, a abordagem é clara e de boa compreensão. Mostrando-lhes as variações linguísticas, tanto elas regionais, populares e entre outras. Bagno nos mostra o quão importante é essa desconstrução. “[...] do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. (pág. 41, 2015)

Por pressuposto deve-se levar em consideração as relações sociais dos diversos tipos de alunos provenientes de diferentes regiões, assim como características do seu ambiente domiciliar que tendem a refletir traços característicos de fala próprias como o uso de determinadas gírias para sua comunicação. A forma na qual são abordadas as falas de pessoas de determinadas regiões também vem a caracterizar um exemplo notório do preconceito linguístico dado as suas variantes. Ademais, deve-se levar em consideração as diferenciações nas falas de pessoas provindas da zona rural e pessoas da zona urbana, que cercadas por complexos estruturais como dificuldades de acesso a escolaridade entre outras condicionantes se distinguem das formas convencionais da fala urbana. Embasando nessa perspectiva, é notório o quão diferentes são as formas faladas.

[...] É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma

única comunidade de falantes o “o melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura [...] (BAGNO, 2015, pág. 47)

Ainda, convém salientar que qualquer forma de se falar está correta e que a língua é mutável e que vai se adaptando com ação dos falantes. Existe variações linguísticas dentro de todo território brasileiro. Ressalva-se que o preconceito linguístico ocorre em forma de deboche e pode gerar vários tipos de transtornos. Sendo assim trabalhado a forma correta para tratar o preconceito linguístico. Consideravelmente, a heterogeneidade da língua, caracterizada pelo estudo sociolinguístico, apresenta os seguintes padrões de variedade: “padrão culto”, “padrão popular” e “falar regional”. Percebe-se, então, que além de traços descontínuos, identificados nos polos rural e urbano, devem ser levados em conta recursos comunicativos próprios de discursos monitoradores e não monitoradores. Assim, a heterogeneidade da língua perpassa pelos diversos falares oriundos de aspectos linguísticos marcados pelos fatores internos e externos linguísticos, abrangendo traços sociais e culturais. Pois os indivíduos que sofrem preconceito linguístico podem adquirir problemas. Os sotaques das regiões e as formas faladas pelos alunos da zona rural são os que mais sofrem preconceito linguístico (BAGNO, 2015).

Estudos realizados apontam a variação linguística como responsável por determinadas reações sociais negativas, em termos de discriminação em todos os contextos sociais no Brasil, agarinhadas pelo o senso comum que interpreta essas mudanças como sinais de enfraquecimento da língua causando explosões de irá e até mesmo de gestos de violência diante fatos de variação e mudança, apontando o sistema escolar como ator importante para o desenvolvimento de uma pedagogia da variação linguística, sociedade ainda não reconhece sua complexa identidade linguística e, pelo fato de ser escravocrata por séculos, sofrem profunda divisão socioeconômica como característica histórica na sua formação, discriminando de maneira implacável pela língua os grupos socioeconômicos marginalizados no país (ZILLES; FARACO, 2015).

O professor exerce um papel importantíssimo na formação linguística dos educandos, sendo seu dever conduzir a ampliação da capacidade de comunicação de seus alunos, além de respeitar a variedade linguística inerente a eles, assumindo uma postura positiva que defenda uma formação linguística que reconheça como legítimo o modo de falar dos alunos (CAVALCANTI; CYRANKA; GALARZA, 2015).

O tratamento da variação linguística em sala de aula exige muitas reflexões por parte

de todos os profissionais da escola, especialmente dos professores da língua materna, sendo preponderante a ideia de que se considere o estudo da diversidade linguística no processo educacional, requerendo uma percepção da língua como um conjunto sistemático e aos mesmo tempo heterogêneo, aberto, flexível, ou seja como um conjunto de falares utilizado por grupos de falantes que criam e recriam os recursos linguísticos para interagir uns com os outros, o que nos permite compreender seu caráter variável.

Cabe a escola diante esta realidade, atuar de forma a estimular o aprendizado da língua em sociedade, uma vez que esta é a detentora da norma culta, incentivando de modo geral a educação em nosso país, devendo em suas premissas oportunizar um ensino sistematizado da língua portuguesa para o educando, apresentando uma aprendizagem de maneira mais abrangente a variedade padrão, baseada no respeito e diversidade linguística e cultural de cada uma, de forma a dirimir as manifestações de preconceito.

Metodologia

Este estudo se classificou como uma pesquisa exploratória de caráter descritivo quanti-qualitativo, possibilitando uma maior familiaridade com o problema elencado, tornando-o mais explícito e conclusivo a fim de constituir hipóteses correlatas às premissas que o sustenta. Nesta realidade a pesquisa exploratória caracteriza-se por examinar um tema ou problema de pesquisa pouco estudado, do qual se tem muitas dúvidas que ainda não foram abordadas em estudos que o antecedem, possibilitando a descrição de fatos e constatações correlatas (SAMPIERI; COLLANO; LUCIO, 2006).

A amostra determinada para esta pesquisa foi constituída por 7 alunos das turmas de 2º ano da Escola de Referência em Ensino Médio Odorico Melo, situada no município de Parnamirim-PE, escolhidas de forma não probabilística, por conveniência (ROESCH, 1999 e STAKE, 2005).

Quanto à classificação com base nos procedimentos técnicos utilizados, classificou-se como método de levantamento: a pesquisa bibliográfica, documental e estudo de campo. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida como base materiais já elaborados, feita por meio de leituras de livros, revistas, jornais, artigos e etc., com o intuito de coletar o máximo de informações possíveis do tema estudado, o que possibilita um preparo melhor para o procedimento durante a pesquisa de campo, tendo como principal vantagem o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama e fenômenos muito mais amplos do que aquilo que

poderia pesquisar diretamente, que se diferencia da documental, uma vez que esta vale-se de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, passíveis de reelaboração de acordo com o objeto de pesquisa (GIL, 2006)

Os dados foram coletados através de consultas aos documentos institucionais da escola, e também através da aplicação de questionários, que representam um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc., aplicados junto aos alunos (LAKATOS E MARCONI, 2003).

Foi utilizada a abordagem qualitativa através do método indutivo para a análise dos dados, que permite que o pesquisador interprete os fatos procurando uma solução para o problema, de forma que o estudo seja planejado de maneira que a influência do pesquisador seja eliminada tanto quanto possível, garantindo a sua objetividade e lisura (SOARES, 2003).

Resultados e Discussão

Aos participantes deste estudo, quando questionados sobre a qualidade do seu nível de fala em relação à língua portuguesa, 85% consideraram o seu nível bom e apenas 15%, o classificou como ruim. Quando questionados sobre o entendimento em relação ao que os seus colegas de sala falam, 85% consideraram entender facilmente e 15% admitiram entender parcialmente a fala dos seus colegas de classe. Nesse contexto, a totalidade dos participantes afirmaram reconhecer que em seu cotidiano algumas palavras são expressas de maneira distinta da forma ao qual consideram estar correta. Aqui, há um entendimento por parte dos alunos que o nível de sua fala deve ser considerado assertivo e de boa compreensão e que o mesmo acontece na relação que estes mantêm com os seus colegas de turma. A variedade linguística da nossa fala fica mais evidenciada quando demonstrado pelos os alunos a percepção da existência de palavras que se diferenciam na forma de falar entre as pessoas entre as diferentes regiões do Brasil (BAGNO, 2015).

Sobre ser advertido por algum professor diante a sua forma de falar, 70% dos participantes citaram que nunca passaram por esta situação e 30% comunicaram que em algum momento já foram repreendidos por sua forma de falar. Quando questionados sobre a postura dos professores em sala de aula em relação a correção quanto a sua forma de falar, 70% dos participantes afirmaram gostar da atitude repreensiva, admitindo que esta contribui

para o seu desenvolvimento e 30% afirmaram que tal atitude não os influenciavam. Aqui, podemos evidenciar que mesmo de forma amena ainda ocorrem situações representativas de caráter coercitivo e constrangedor devido as diferentes formas de falar dos alunos, de certo não compreendendo-as como variação linguística, estigmatizados sob uma perspectiva preconceituosa.

De acordo com Bagno (2015) o professor deve manter uma postura teórica, científica e consciente, de maneira a pensar, refletir e levantar hipóteses sobre o cotidiano da vida escolar do aluno, considerando todas as suas ramificações, não apenas agir de forma reparatória e coercitiva. Outro fato interessante condiz na percepção de que os alunos se sentem agraciados quando alguém lhes faz uma correção, transmitindo a ideia de que a crítica faz parte da vida do aluno.

Quando questionados sobre a dificuldade de comunicação com habitantes da zona rural, 70% dos participantes alegam nunca ter tido, 15% comentaram que já tiveram e os demais comunicaram que as vezes possuem dificuldades em estabelecer um diálogo compreensível em sua totalidade. Em nível de preconceito, 85% dos participantes afirmaram que nunca sofreram preconceito explícito diante a sua forma de falar, e 15% declararam que já se sentiu julgado por não saber falar da forma que esperam que falassem. Destes, 30 % afirmaram conhecer pessoas que não falavam por medo de errar.

Os dados representados são condizentes com a realidade do nosso país, uma vez que podemos observar as diversas variações dialéticas que exprimem, portanto, a caracterização social da fala observada nas grandes cidades como no interior de cidades pequenas, cenário observado no município de Paramirim, representando por uma extensa zona rural. Ainda, podemos observar um certo grau de congruência com as respostas anteriores, em que os alunos consideram o seu nível de fala positivo, afirmando em sua maioria nunca terem sofridos preconceitos diante a sua forma de falar, porém 30% dos participantes afirmaram conhecer pessoas que não falar ou não exercem esse hábito devido ao meio de cometer erros diante este processo e conseqüentemente serem julgados por isso, sofrendo, portanto, repressão da sociedade (CALVET, 2002).

Quando questionados acerca do desrespeito às variações linguísticas em sala de aula, 85% afirmaram que essa atitude poderia afetar o seu desenvolvimento, de forma que a totalidade dos participantes reconheceram que no Brasil não existe apenas uma maneira de falar e que o seu modo particular de fala não representava o mesmo modo de fala de outras pessoas de diferentes regiões do Brasil. Sobre a contribuição de fatores geográficos, sociais e

econômicos, como por exemplo a falta de emprego, a pobreza, a faixa etária, o sexo e o difícil acesso à escola, para existência do preconceito linguístico, 100% dos participantes afirmaram acreditar que tais fatores corroboram diretamente para que haja a disseminação do preconceito linguístico. A língua não é falada de forma uniforme pelos seus falantes, sofrendo variações sobre diferentes perspectivas ao longo da história, de maneira que reconhecer este preconceito é imprescindível para compreender a realidade das variações linguísticas (CALVET, 2002).

Em relação ao domínio da norma padrão, 85% dos participantes afirmaram que para ser um bom representante da língua brasileira falada, seu domínio é imprescindível. Quando questionados sobre como preconceito linguístico poderia afetar o seu dia a dia no âmbito escolar, 45% alegam que tal atitude poderia incidir em medo de se expressar diante os seus colegas de turma, 30% afirmaram o medo de repreensão por parte dos educadores, 15 % indicaram a possibilidade de repetência e os demais 15% indicaram a possibilidade de desistência escolar. Neste contexto, podemos inferir a partir dos dados que os alunos são conscientes sobre a realidade presenciada em seu cotidiano escolar, e que os preconceitos linguísticos junto à imposição da variação da norma culta, considerada como soberana, reflete na compreensão dos mesmos que esta é imprescindível para que se tenha um bom desempenho no domínio da língua falada. O preconceito se apresenta em sua totalidade como fator de influência no cotidiano escolar, podendo desencadear uma série de efeitos colaterais entre a realidade dos alunos.

Considerações Finais

Através desse estudo pudemos constatar a percepção dos alunos diante a influência das variações linguísticas em seu cotidiano escolar, nos permitindo inferir que os mesmos compreendem o quanto esta temática é importante e representa um fator preponderante tangenciado ao seu desenvolvimento como aluno, tornando evidente os impactos que o preconceito linguístico pode ocasionar em sua realidade e como este pode ser prejudicial.

Apesar do reconhecimento da variação linguística, os alunos consideram o seu nível de fala assertivo, mas admitem conviver em um espaço diversificado, marcado pelo o contexto das variações setoriais e socioeconômicas, que estão intimamente ligadas às atitudes preconceituosas que podem impactar no seu desenvolvimento escolar desencadeando problemas como medo da repreensão de professores, evasão escolar, repetência e desistência dos alunos quando submetidos a estas situações.

Referências

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz? 56. ed. Revista e ampliada, São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- CALVET, Louis-Jean: **Sociolinguística**: Uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002, 160p.
- CAVALCANTI, M. C. **Línguas ilegítimas em uma visão ampliada de educação linguística**. In: ZILLES, A. M. S; FARACO, C. A. (orgs). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. 1ª. ed. Parábola Editorial. São Paulo, 2015. p. 287-302.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (orgs). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4ª ed. 2ª. reimp. Ed. Contexto. São Paulo, 2003.
- PRETI, D. **Sociolinguística**: os níveis da fala. 9ª. ed. 1ª. reimp. São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 2003.
- ROESCH, S. M. A. **Projeto de estágio e de pesquisa em administração**: guias para estágios, trabalhos de conclusão, dissertação e estudos de caso. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernandes; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia da pesquisa**. São Paulo: MC Graw – Hill, 2006
- SOARES, Antônio. **Metodologia Científica**: lógica, epistemologia e normas. São Paulo: Atlas, 2003.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 2ª. ed. Editora Ática. São Paulo, 2007.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.
- ZILLES, A. M. S; FARACO, C. A. (orgs). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. 1ª. ed. Parábola Editorial. São Paulo, 2015, p.320.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

PEREIRA, Diogo Elizeu do Nascimento; ALVES, Valquíria Maria Ribeiro. As Variações Linguísticas Vivenciadas no Cotidiano Escolar das Turmas do 2º Ano do Ensino Médio da Escola de Referência Odorico Melo. **Id on Line Rev. Psic.**, Dezembro/2021, vol.15, n.58, p. 245-256, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 26/11/2021; Aceito 15/12/2021; Publicado em: 30/12/2021.